

Investidores buscam maior retorno

Não há dúvida de que o cenário econômico brasileiro melhorou bastante nos últimos quatro ou cinco anos. Algumas variáveis econômicas refletem o bom momento de nossa economia, que aguarda a tão esperada classificação de "grau de investimento" concedida pelas agências internacionais de rating. O risco Brasil está em níveis próximos de 200 pontos (já pontuou terríveis 2.600 pontos na crise pré-eleição de 2002), nossas reservas internacionais estão na casa dos respeitáveis US\$ 160 bilhões (nada mal para quem já recorreu a empréstimos emergenciais do FMI), e nossa moeda segue forte frente ao dólar, em boa parte dado o novo patamar conquistado no campo do comércio exterior (o superávit comercial mais que triplicou desde 2002). A inflação, antigo inimigo número um da nação, segue sob controle e, apesar das atuais preocupações com a forte aceleração da atividade econômica e incertezas sobre o ambiente externo, os níveis projetados seguem na casa dos 4% ao ano.

O reflexo da boa condição

econômica nas taxas de juros é nítido. Apenas nos últimos dois anos, a taxa Selic caiu mais de nove pontos percentuais, para o atual nível de 11,25% ao ano. Na perspectiva dos investidores, o bom momento econômico e a queda das taxas de aplicações de renda fixa têm gerado algumas mudanças de atitude. Desde o início deste ano, tem havido um movimento pela busca de melhores retornos, o que traz necessariamente a assunção de maiores riscos. Dentro deste raciocínio, o bom desempenho das aplicações de renda variável no período tem um papel importante. O Ibovespa, carteira teórica da Bolsa paulista, mesmo após todas as turbulências relacionadas à recém crise das hipotecas no mercado americano, mostra evolução em torno de 23% em 2007, e algo como 50% de retorno nos últimos 12 meses.

Alguns indicadores já confirmam com números a percepção desta migração para alternativas de investimento que apresentam maior possibilidade de rentabilidade: o patrimônio líquido dos fundos multimercaços (R\$ 256 bilhões) já é maior do que o dos tra-

dicionais fundos DI (R\$ 167 bilhões) desde a metade deste ano. Os fundos de ações totalizam um patrimônio de R\$ 113 bilhões — mais que o dobro do que no início de 2007, segundo a Anbid — e o número de investidores nos homebrokers — compra e venda de ações pela internet — dobrou desde o início do ano, com recorde histórico de 130 mil usuários em agosto. O ano de 2007 ainda



Bom momento econômico tem gerado mudanças de atitude

coleciona vários recordes históricos na Bolsa de Valores de São Paulo, como a máxima histórica de pontos do Ibovespa, o recorde no número de negócios e em volume financeiro (inclusive para exercício de opções e no after-market).

A busca por maiores retornos nas aplicações financeiras já se iniciou, mas deve prosseguir de forma gradual, sem surtos extre-

mos de aceleração. Não apenas pelo fato do investidor brasileiro, na média, mostrar um comportamento cauteloso em função do histórico de crises financeiras ocorridas no país nos últimos 20 anos, mas também pela observação dos mercados maduros, onde os investidores já convivem a tempos com baixos níveis de taxas de juros.

Neste sentido, uma boa fonte de informação é o mercado internacional de Certificados de Investimentos Estruturados (CIEs). Os CIEs são instrumentos de aplicação que permitem a estruturação de diversos padrões de risco e retorno. Entre as diversas modalidades, há as que simplesmente replicam em 100% a variação de um ativo objeto (Ex: índice da bolsa), as que oferecem apenas parte da variação do ativo objeto - mas com proteção do principal - ou mesmo oferecem rendimentos alavancados, onde há chance considerável do principal ser afetado.

Na Europa, os números consolidados do mercado de CIE apontam uma grande preferência por certificados com capital protegido (70% do mercado total), que oferecem maior retorno do que as aplicações convencionais, sem por outro lado, com-

prometer o volume aplicado. De fato, esta tendência já pode ser verificada hoje no mercado brasileiro; na indústria de fundos, visto o grande sucesso de venda dos fundos multimercaços com capital protegido, que vieram para ficar.

O mais importante entretanto, não é a velocidade com que o movimento de busca de maiores retornos irá ocorrer, mas sim de que forma ele será conduzido. Neste sentido, os bancos têm um papel fundamental na orientação financeira de seus clientes. Afinal, atrás de aplicações financeiras ou de portfólios de investimentos, estão os projetos e sonhos de cada investidor. A má condução desta transição, com atribuição inadequada da relação risco-retorno aos investidores, pode fazer a diferença entre o sucesso ou não de um objetivo ou sonho desejado.

Aos bancos cabe acompanhar de perto a evolução das necessidades do investidor. Fatores como entender o objetivos do cliente e de seu projeto, aferir o horizonte de prazo adequado e medir a propensão a assumir riscos de cada um.

(*) Superintendente do produtos do Banco Real